

**PROGRAMA
E LIVRO DE
RESUMOS**

**20
26**

**IX REUNIÃO
INTERNACIONAL
DE CAMONISTAS**

*O TEMPO DE CAMÕES:
CAMÕES NO NOSSO TEMPO*



Porto

15 e 16 de abril

FLUP / Universidade do Porto



2026

IX REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

O tempo de Camões: Camões no nosso tempo

Porto

15 e 16 de abril de 2026

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Sala do DEPER (Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos)

Sala de Reuniões 1

ORGANIZAÇÃO

Zulmira Santos · Isabel Morujão · Luís Fardilha

Paula Almeida Mendes · Gil Clemente Teixeira

SECRETARIADO

Eunice Leite

Alunos de licenciatura e de mestrado

EQUIPA EDITORIAL

Ada dos Santos da Veiga Pousa · Lara Teixeira

Pedro Lopes Adão

PROGRAMA

| DIA 15 DE ABRIL | |
|-----------------|---|
| 8h30 - 9h00 | Receção dos participantes (DEPER) |
| 09h00 - 9h30 | Sessão de Abertura (DEPER) |
| 09h30 - 11h15 | <p>6.º Painel — Camões e o seu tempo (DEPER) Moderador: João Paulo Oliveira e Costa (FCSH Lisboa)</p> |
| | <p>Ana Isabel Buescu – FSCH Lisboa "Um rei ao reino convém". Cultura política e "Estado Real" no século XVI</p> |
| | <p>Amândio Barros – I. Politécnico do Porto Camões e a cultura marítima do século XVI: práticas, rotas e saber náutico no mundo português</p> |
| | <p>Henrique Leitão – U. Lisboa Ciência e Natureza em <i>Os Lusíadas</i>: Ecos dos debates contemporâneos</p> |
| | <p>Tiago Manuel da Hora – FCSH Lisboa A música no tempo de Camões: caminhos pela banda sonora da história da música em Portugal no séc. XVI</p> |
| 11h15 - 11h45 | Intervalo para café |
| 11h45 - 13h00 | <p>7.º Painel — Camões e a língua portuguesa (DEPER) Moderador: Maria Clara Barros (U. Porto)</p> |
| | <p>Ivo Castro – U. Lisboa A Pena e Lima</p> |
| | <p>Telmo Verdelho – U. Aveiro O adjetivo na escrita de Camões, aspetos poéticos e diacrónicos</p> |
| 13h00 - 15h00 | Intervalo para almoço |
| 15h00 - 17h00 | <p>Sessões de tema livre (DEPER) Moderador: Aurelio Vargas Díaz-Toledo (U. Complutense de Madrid)</p> |
| | <p>Ana Cristina Luz – U. Minho <i>Quem sou eu?</i>, ou Camões para os mais novos</p> |
| | <p>Larissa Fonseca e Silva – USP As sombras d'<i>Os Lusíadas</i>: sua presença nos estudos camonianos e suas reconfigurações literárias contemporâneas</p> |
| | <p>Renan Messias – UFSCar "E pensei nos navegadores antigos, a enfrentarem sozinhos os perigos do mar": <i>Os Lusíadas</i> em <i>A matéria das estrelas</i>, de Isabel Rio Novo</p> |
| | <p>Carlos Carvalho da Fonte – Investigador independente Estruturas metaplásticas: frases inéditas n'<i>Os Lusíadas</i>?</p> |
| 17h30 - 18h15 | <p>"Eu dançarei de amor tão docemente" – Espetáculo de Dança Antiga do tempo de Camões, historicamente informada. Interpretação - Companhia Portingaloise & Ensemble Portingaloise. Direção Artística - Catarina Costa e Silva (CECH_UC / ESMAC_P.Porto) (Sala de Reuniões 1)</p> |

| DIA 16 DE ABRIL | |
|------------------------|--|
| 09h30 - 11h00 | 8.º Painel — Camões e a tradição moderna (DEPER) Moderador: Zulmira Santos (U. Porto) |
| | <p>Paulo Silva Pereira – U. Coimbra “Os Parnasos são muitos, e quanto mais novos são, de mais glória”. Camões, a tradição épica e as querelas literárias da Modernidade: Ariosto, Tasso, Voltaire</p> |
| | <p>Luís Fardilha – U. Porto D. Simão da Silveira e as suas relações literárias</p> |
| | <p>Isabel Morujão – U. Porto Camões ao divino. Aspetos da dinâmica criativa na poesia do século XVII</p> |
| | <p>Simão Valente – U. Porto Traduzir Petrarca: Camões como Protocolo Hermenêutico</p> |
| 11h00 - 11h30 | Intervalo para café |
| 11h30 - 13h00 | Sessões de tema livre (DEPER) Moderador: Paula Almeida Mendes (U. Porto) |
| | <p>István Rákóczi – U. Porto Camões e a teopoesia</p> |
| | <p>Manuel F. Ramos – U. Porto A poética das lágrimas: emoção e persuasão em quatro figuras camonianas</p> |
| | <p>Ariana Sanches – U. Porto <i>Tenro e novo ramo florecente</i>: a educação de D. Sebastião n’<i>Os Lusíadas</i></p> |
| | <p>Carlos Silva – U. Porto A hierarquia da masculinidade no teatro camoniano</p> |
| 13h00 - 15h00 | Intervalo para almoço |
| 15h00 - 17h00 | 9.º Painel — Camões nas literaturas e culturas africanas de língua portuguesa (DEPER) Moderador: Francisco Topa (U. Porto) |
| | <p>Ana Maria Martinho – FCSH Lisboa "Quando passados nele os Orientes": Camões na costa africana</p> |
| | <p>Ana Ribeiro – U. Minho “Balada da flor de espuma” ou as andanças de “Descalça vai para a fonte”</p> |
| | <p>Francisco Noa – Investigador Independente O Oceano Índico na encruzilhada entre Camões e a literatura moçambicana</p> |
| | <p>Francisco Soares – U. Porto Obras de Luís de Camões em circulação na colónia de Angola no século XIX</p> |
| 17h30 - 18h00 | Recital de poesia contemporânea em diálogo com Camões Organização de Pedro Eiras (U. Porto) (DEPER) |

RESUMOS & NOTAS BIOGRÁFICAS

6.º Painel — Camões e o seu tempo

Ana Isabel Buescu

Universidade NOVA-FCSH, Portugal

“Um rei ao reino convém”. Cultura política e “Estado Real” no século XVI

No tempo de Camões, o pensamento político e a representação da ordem social, para além da fundamentação ideológica da monarquia como melhor forma de governo, repousavam, em grande medida, numa concepção multissecular traduzida na metáfora corporal e na concepção da república enquanto *corpo místico*.

A presente comunicação examinará aspectos da representação ideológica da sociedade no tempo de Quinhentos, largamente partilhados pela cultura política na época, também presentes ou subjacentes à construção camoniana, cruzando o testemunho do discurso escrito e da imagem.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana Isabel Buescu é professora associada com agregação na NOVA-FCSH e Investigadora integrada do Centro de Humanidades (CHAM/NOVA-FCSH). Principais domínios científicos: História de Portugal séculos XV-XVI, com destaque para a cultura e cerimónias de corte, livros e livrarias régias e aristocráticas, história e representações políticas e história biográfica.

Amândio Barros

Instituto Politécnico do Porto, Portugal

Camões e a cultura marítima do século XVI: práticas, rotas e saber náutico no mundo português

A presente comunicação pretende ‘ler’ *Os Lusíadas* como expressão de uma cultura marítima já estruturada no século XVI, assente em práticas reiteradas de navegação, na consolidação progressiva de rotas e na circulação de um saber náutico em formação. Mostra como as diferentes rotas marítimas geridas pelos portugueses se tornam corredores estáveis entre o Atlântico e o Índico, integrando espaços e sistemas comerciais diversos. Evidencia o papel dos portos, dos agentes marítimos e das redes de conhecimento na construção desse espaço, para além dos necessários enquadramentos régios e do poder central. Situa, assim, Camões no momento em que esse mundo se torna perceptível e pode ser apreendido como um conjunto estruturado de experiências marítimas.

NOTA BIOGRÁFICA

Amândio Jorge Morais Barros nasceu no Porto. Licenciou-se em História e especializou-se nas áreas da História Social e Económica e na História Marítima (área do seu doutoramento, na Faculdade de Letras da UP: *Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares da Época Moderna*, prémio Almirante Sarmento Rodrigues da Academia de Marinha e Prémio Artur de Magalhães Basto de História da Cidade do Porto, Círculo José de Figueiredo). A sua investigação tem incidido nestes domínios, assim como nos da História da Cidade do Porto e Douro e História da Expansão, aos quais tem dedicado diversos trabalhos. Professor-adjunto da Escola Superior de Educação do Porto é pós-doutorado pelas universidades do Porto e de Valladolid, e tem agregação em História dos Descobrimentos pela

Universidade Nova de Lisboa, investigador do CITCEM-UP (Centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória – Universidade do Porto), e académico emérito da Academia de Marinha.

Henrique Leitão

Universidade de Lisboa, Portugal

Ciência e Natureza em *Os Lusíadas*: Ecos dos debates contemporâneos

Já foi muitas vezes notado que o conteúdo científico que se pode detectar em *Os Lusíadas* revela amplos conhecimentos do seu autor em muitos assuntos relacionados com o estudo da natureza. Nesta comunicação procuramos acrescentar e especificar um pouco mais este tipo de análises, mostrando como se podem encontrar no poema ecos de debates de natureza científica que atravessavam a sociedade portuguesa do período.

NOTA BIOGRÁFICA

Henrique Leitão é Investigador Principal no Departamento de História e Filosofia das Ciências, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Actualmente é Pró-Reitor da Universidade de Lisboa. Os seus interesses de investigação estão centrados na história da ciência nos séculos XVI e XVII, em especial na história da cosmografia e da cartografia. Trabalhou também na história do livro e bibliotecas científicas em Portugal, e na história do ensino científico em colégios da Companhia de Jesus. Foi autor/editor de mais de 20 livros e de cerca de 100 artigos/capítulos académicos. É membro de várias associações académicas, portuguesas e estrangeiras, entre as quais a Academia das Ciências de Lisboa, a Academia de Marinha, a Académie Internationale d'Histoire des Sciences, e a History of Science Society. Ao longo dos anos o seu trabalho foi reconhecido com diversos prémios e distinções, nacionais e estrangeiras.

Tiago Manuel da Hora

Universidade NOVA-FCSH, Portugal

A música no tempo de Camões: caminhos pela banda sonora da história da música em Portugal no séc. XVI

Camões é um símbolo incontornável da cultura portuguesa, deixando uma marca indelével na produção artística do seu tempo. A música não ficou imune a esse irresistível feitiço. Alguns dos seus sonetos encontram-se, inclusivamente, musicados em partituras do seu tempo. A época da expansão portuguesa e as décadas que se seguiram não foram um capítulo mudo da nossa história, e esse é o mote desta comunicação: conhecer algumas das práticas, contextos e sonoridades musicais desta época no espaço português. Para tomar contacto com a música cultivada em Portugal no tempo de Camões, há, portanto, que voltar ao século XVI e viajar assentes num pano de fundo de geometria extensa, desde a música cultivada dentro da Europa até destinos mais longínquos, alcançados «por mares nunca dantes navegados», que resultam numa produção musical muito rica.

NOTA BIOGRÁFICA

Tiago Manuel da Hora é musicólogo e produtor fonográfico. É doutorado em Ciências Musicais pela NOVA-FCSH, investigador integrado do INET-md/NOVA-FCSH e professor adjunto do departamento de “Música e Drama” da ESE-IPP. É autor de várias publicações em livro, artigos e capítulos para publicações nacionais e internacionais de âmbito científico e artístico e argumentos para espetáculos musicais e programas de rádio. Tem desenvolvido uma intensa actividade em produção fonográfica, dedicando parte da sua investigação ao domínio da historiografia da discografia de música erudita, e tendo também assinado a produção e direcção de gravação de discos para algumas das principais e mais prestigiadas editoras nacionais e internacionais.

7.º Painel — Camões e a língua portuguesa

Ivo Castro

Universidade de Lisboa, Portugal

A Pena e a Lima

Reflexões sobre os processos de escrita e de reescrita em alguns manuscritos camonianos, designadamente o cancionero de Luís Franco, tomando como inspiração trabalhos de D. Maria Helena da Rocha Pereira.

NOTA BIOGRÁFICA

Ivo Castro é Professor Emérito da Universidade de Lisboa, onde ensinou Linguística Histórica e Crítica Textual durante 49 anos. *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Santiago de Compostela. Editor de textos medievais, barrocos e modernos, responsável pelas colecções da Edição Crítica de Fernando Pessoa (21 tomos) e de Camilo Castelo Branco (13 tomos), publicadas pela Imprensa Nacional. Actualmente, publica obras e correspondência de José Leite de Vasconcelos.

Telmo Verdelho

Universidade de Aveiro, Portugal

O adjetivo na escrita de Camões, aspetos poéticos e diacrónicos

O adjetivo é provavelmente a parte da oração mais inovadora na arte da escrita camoniana e na história da língua, sobretudo na memória literária. É um adjuvante imprescindível na plástica versificatória. Foi procurado e utilizado como instrumento dúctil e abundante para a configuração do texto versificado, pela sua disponibilidade para o achamento da rima, e pela recursividade opcional no reajustamento métrico.

A elaboração poética do século XVI mobilizou e alargou as virtualidades desse recurso. Sobretudo Camões, importou e aportuguesou da tradição literária italiana e espanhola, e recriou do latim novas formas que ornamentam a cópia da sua fábrica poética e se repercutiram e repetiram em todo o património literário.

Na poesia, o adjetivo não é tanto um modificador, mas sobretudo um reconfigurador de versos que procuram rima e cadência isométrica. Os indicadores de frequência, que se observam em usos comuns, entretecem o tropismo dialetal que se verifica na elaboração poética portuguesa do século XVI. Os levantamentos estatísticos do cópuz quinhentista, embora ainda muito parciais, destacam uma dezena de adjetivos, todos dissilábicos e paroxítonos, e abertos para uma ampla redundância temática. Todos eles expeditamente socorrem as solicitações combinatórias da expressão versificada: "grande", "triste", "belo", "doce", "duro", "claro", "alto", "puro", "brando", "novo". Todos têm registo no *Português fundamental*, exceto "bando". Surpreendente, neste conjunto, é o adjetivo "belo/bela", quase desconhecido no português arcaico, praticamente sem ocorrência no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, entrou numeroso em toda a poesia portuguesa logo em Gil Vicente, mas sobretudo a partir de Camões até Almeida Garrett onde prevalece omnipresente. Além dos indicadores de frequência, a adjetivação distingue-se, no texto camoniano, pela artificiosa composição e, mais ainda, pelo erudito recurso aos paradigmas derivacionais. O poeta recria uma variedade inesgotável de formas adjetivais, com sufixos e prefixos latinizantes, que ilustram e tornam sensível a memória latina do seu texto e lhe reconfirmam o privilégio de soberano aristocrata da língua portuguesa.

NOTA BIOGRÁFICA

Catedrático aposentado (Univ. Aveiro); sócio efetivo da Academia das Ciências; autor de referência em historiografia linguística e lexicografia portuguesa; coordenador do projeto Corpus lexicográfico do português (iniciado em 2003). Referências camonianas: *Índice reverso de "Os Lusíadas"*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1981; *Luís de Camões - concordância da obra toda*, (Coimbra, CIEC, 2012; *Sobre a primeira edição de "Os Lusíadas"* (no prelo, Imprensa Nacional).

Sessões de tema livre

Ana Cristina Luz

Universidade de Minho, Portugal

Quem sou eu?, ou Camões para os mais novos

Nesta minha comunicação irei abordar os objectivos que estiveram na base da escrita deste texto, a forma como foi construída a narrativa em quadras de rima cruzada e a divulgação que foi feita no ano passado, em diversas escolas e bibliotecas. Irei apresentar, também, o resultado das actividades desenvolvidas, que se corporizaram em trabalhos no campo da criação plástica.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana Cristina Luz é natural de Maceira, é Mestre em Mediação Cultural e Literária, licenciada em Tradução e apresentou o seu primeiro livro *Timor – Histórias com lendas* em 2002 em Timor Leste. A convite do Instituto Camões, esteve presente na I Feira do Livro Lusófono, que decorreu em Díli, Timor Leste em Março de 2003 e em Agosto desse mesmo ano participou no «8º Foro por el Fomento del Libro y la Lectura», em Resistência, Província de Chaco, Argentina.

É detentora de vários prémios, nomeadamente vencedora do Prémio Afonso Lopes Vieira 2001, com o livro *...e ao fundo, a Cidade*, um primeiro lugar nos Primeiros Jogos Florais das Cortes 2001, com o texto em prosa poética intitulado Rio, uma menção honrosa no Prémio Manuel Teixeira Gomes em 2003, com o livro *Três viagens e uma história que quase não acontecia*, o segundo lugar no Prémio Literário Região de Leiria, 2007, com o livro *Contos a Oeste*, entre outros.

Tem 46 livros publicados, dos quais 38 para os mais novos, assinou crónicas para diversos jornais, participou ainda em diversas antologias em Portugal e no estrangeiro e tem textos publicados no Brasil, na Argentina e em Timor Leste. Dedicou-se a divulgar o seu trabalho junto de escolas e bibliotecas um pouco por todo o país, desenvolvendo sessões de conto para todas as idades. Desde 2006 que leva o nome de Aristides de Sousa Mendes a escolas e bibliotecas, com os seus livros *Aristides, o semeador de estrelas*, *A Lista de Aristides de Sousa Mendes* e, mais recentemente, *A Viagem do gato Miau*.

O livro *O dia em que quase perdemos o 5* integra o Plano Nacional de Leitura.

Participou em diversas conferências, com a apresentação de trabalhos de diversas temáticas, desde a literatura infantil à ficção científica e fantástico. Em 2017, apresentou a comunicação *O pequeno trevo – A inclusão numa história com legado* e *Aristides, o semeador de Estrelas – Um herói recordado* no “II Encontro Imaginários Iluminados: era uma vez... a literatura para a infância”. Em Setembro de 2019, participou no 130. Congresso Alemão de Lusitanistas, em Augsburg, Alemanha, onde apresentou o seu trabalho *A Lista de Aristides de Sousa Mendes*. Em Setembro de 2023, participou na Conferência Internacional: Os Museus no Século XXI: a sua relevância para a sociedade contemporânea”, na ESECS, onde apresentou o seu trabalho *Casa do Passal – Repositório de Memória*. Foi oradora na conferência *Salvador Dalí, uma das estrelas de Aristides*, a 20 de Junho de 2024. Esta conferência decorreu no âmbito da exposição temporária “Salvador Dalí - Sharing Inspiration” no Museu Grão Vasco, em Viseu.

Larissa Fonseca e Silva

Universidade de São Paulo, Brasil

As sombras d’Os Lusíadas: sua presença nos estudos camonianos e suas reconfigurações literárias contemporâneas

Neste trabalho, discutiremos como as “sombras” (enquanto contradições épicas) presentes n’Os *Lusíadas* foram abordadas tanto do ponto de vista literário, a partir do século XIX, quanto do ponto de vista teórico, a partir da década de 1960. Discutiremos também como essas sombras se reconfiguram, ainda em intertexto com *Os Lusíadas*, em romances contemporâneos que retratam o 25 de Abril, os “retornados” e os imigrantes provenientes da África de expressão portuguesa.

NOTA BIOGRÁFICA

Doutoranda em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP), desenvolvendo a tese “Sombra e ecos d’Os *Lusíadas* nas ruínas do império: antiepopéia em romances de escritoras portuguesas contemporâneas”. Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), com a dissertação intitulada “Tradição, contemporaneidade e tédio no romance *Campo de sangue*, de Dulce Maria Cardoso” (2022). Licenciada em Letras também pela UFSJ (2020).

Renan Messias

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

“E pensei nos navegadores antigos, a enfrentarem sozinhos os perigos do mar:” Os *Lusíadas* em *A matéria das estrelas*, de Isabel Rio Novo

Publicado em 2025, *A matéria das estrelas*, de Isabel Rio Novo, dialoga com Camões ao mobilizar a tradição épica como reflexão crítica da identidade contemporânea. O romance reelabora o cânone à luz das inquietações atuais. Jacinto questiona a epopeia camoniana, sobretudo o lugar de Bartolomeu Dias n’Os *Lusíadas*, evidenciando uma crítica às hierarquias simbólicas. Ao dar voz a esse herói marginalizado, a obra propõe uma releitura da identidade nacional a partir das margens. Assim, articula memória marítima e fraturas da modernidade, reafirmando a literatura como espaço de reflexão identitária.

NOTA BIOGRÁFICA

Doutorando em Estudos de Literatura (PPGLit - UFSCar) com período sanduíche na Universidade Católica Portuguesa (UCP), campus Braga. É mestre em Estudos de Literatura (UFSCar), bacharel e licenciado em geografia pela Universidade de São Paulo (USP), licenciado em História (Claretiano) e licenciado em Letras-Português (Claretiano). É membro do Grupo de Pesquisa “CEILI - figuras estéticas do contingente, do excêntrico e do indizível na literatura” (UFSCar) e do GENFIP - Grupo de Estudos Sobre a Novíssima Ficção Portuguesa (UFSCar). É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.

Carlos Carvalho da Fonte

Investigador Independente

Estruturas metaplásticas: frases inéditas n’Os *Lusíadas*?

Apresenta-se em traços gerais a nossa metodologia metaplástica, logo aplicada ao frontispício da obra e ao próprio poema. O primeiro revelou mais de dez níveis semânticos, quatro deles referentes ao pelicano. Nos extremos do segundo acharam-se duas assinaturas metaplásticas

de Luís de Camões e, adjacente à última, o traço semiótico de Dom Sebastião, conjecturando-se sobre a extensão do método ao resto da obra.

NOTA BIOGRÁFICA

O autor exerceu durante muitos anos a actividade de gestão comercial no campo da Engenharia. Após uma dissertação sobre o significado da heráldica primitiva dos reis de Portugal, tem estendido desde há vinte anos os resultados daqueles estudos de semântica visual à Sigilografia, à Numismática, à Vexilologia, à História da Arte, etc. Recentemente associaram-se as estruturas linguísticas ali encontradas também à semântica textual.

8.º Painel — Camões e a tradição moderna

Paulo Silva Pereira

Universidade de Coimbra, Portugal

“Os Parnasos são muitos, e quanto mais novos são, de mais glória”. Camões, a tradição épica e as querelas literárias da Modernidade: Ariosto, Tasso, Voltaire

A épica camoniana aparece com insistência em disputas e polémicas travadas entre escritores e intelectuais do espaço geográfico-cultural luso-brasileiro e europeu ao longo dos últimos séculos. Em Camões, vemos, de facto, a coexistência, simultaneamente consciente e problemática, da herança consolidada da tradição épica clássica com a emergência de uma nova sensibilidade poética marcada pela historicidade, pela afirmação nacional e pela inscrição do sujeito autoral. Está, assim, em causa uma tensão constitutiva entre a autoridade normativa dos modelos antigos e a exigência de representar literariamente uma experiência histórica sem precedentes, inseparável do advento do mundo moderno. É nesse espaço de fricção, onde o legado dos clássicos deixa de ser plenamente suficiente e a modernidade ainda carece de forma própria, que se produz a singularidade da obra camoniana. A consciência crítica acerca da natureza, das funções e das possibilidades da poesia épica, nomeadamente pelo seu maior ou menor grau de adaptação às exigências históricas, ideológicas e poéticas de cada época, tem levado a múltiplos enfrentamentos críticos. A polémica entre “ariostistas” e “tassistas” configura-se como a mais ampla entre as numerosas controvérsias literárias que atravessaram o panorama cultural do *Cinquecento*. Longe de se limitar a um confronto de preferências estéticas, este debate mobilizou questões centrais da teoria poética renascentista, tais como a definição dos géneros, a legitimidade do poema cavaleiresco face ao modelo épico clássico, a observância das normas aristotélicas e o estatuto da verosimilhança e do maravilhoso. Ambivalente (e controverso) é também o diálogo estabelecido entre Camões e Ariosto, mas que deve agora ser equacionado à luz de novos avanços na pesquisa sobre *Orlando Furioso*. Por outro lado, a divisão entre admiradores de Camões e de Tasso (os «camoistas» e «tassistas», segundo Teófilo Braga) teve largas repercussões não só no plano da teorização e do comentário, mas também no da criação poética propriamente dita com a imitação da epopeia considerada mais perfeita. Em momento posterior, a leitura crítica de Voltaire foi importante para a projecção europeia e até mundial de Camões (por mais contraditório que isto possa parecer), pois ao tratá-lo como objeto digno de atenção e ao estimular um vastíssimo fluxo de comentários, ajudou a consolidar o seu estatuto como figura maior da tradição épica ocidental. Assim, a partir de um núcleo restrito de autores e comentadores (Ariosto; Tasso, Voltaire; Faria e Sousa; Pires de Almeida; William Julius Mickle...) e de um conjunto de problemas (veracidade, ironia e fabricação do ficcional; inscrição do sujeito autoral; usos e apropriações do maravilhoso; unidade de ação e configuração do herói), pretende-se visitar criticamente o lugar de Camões no âmbito da

tradição reflexiva sobre a epopeia nos séculos XVI a XVIII, bem como a relevância da (re)conceptualização de Parnasos literários.

NOTA BIOGRÁFICA

Professor Associado do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Doutorada pela mesma Universidade, leciona nas áreas de Literatura Portuguesa (Renascimento; Barroco; Neoclassicismo), Estudos Camonianos, Teoria da Literatura e Patrimónios Alimentares, em cursos de Graduação e Pós-graduação. Tem publicado diversos trabalhos sobre literatura e cultura portuguesas em revistas nacionais e internacionais ou em volumes monográficos. Coordena o curso de Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa na FLUC. É membro da Comissão Organizadora das Comemorações dos 500 anos do Nascimento de Camões na Universidade de Coimbra; Curador da Exposição “Camões 500” e do Ciclo de debates “Camões. Aqui e Agora”, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Faz parte da equipa que tem a seu cargo a criação da plataforma digital “Camões LAB”, sendo nomeadamente responsável pelo projeto “Camões Plural. Enciclopédia Temática Multimédia”.

Luís Fardilha

Universidade do Porto, Portugal

D. Simão da Silveira e as suas relações literárias

Sendo conhecido sobretudo como um modelo de cortesão e de galante, D. Simão da Silveira parece ter-se relacionado com muitos dos poetas mais importantes do seu tempo. Um mote seu é glosado por Sá de Miranda, Francisco de Sá de Meneses, D. Manuel de Portugal, Pero de Andrade Caminha, e reelaborado por Jorge de Montemor; dirige um soneto a António Ferreira e dele recebe outro em resposta, bem como uma importante carta; Jerónimo Corte Real envia-lhe outra carta e é elogiado por ele; é, ainda, o destinatário duma outra carta de Diego Hurtado de Mendoza... Embora suscite dúvidas, a edição de 1668 da *Terceira Parte das Rimas* inclui um soneto que seria, segundo a rubrica que o introduz, uma resposta a outro de D. Simão da Silveira, «mandando-lhe perguntar quem fora o primeiro Poeta que fizera Sonetos». Nesta comunicação pretende-se sondar o lugar desta figura histórica no contexto da poesia quinhentista portuguesa e apontar o que é possível conhecer hoje da sua obra.

NOTA BIOGRÁFICA

Luís Fernando de Sá Fardilha é Professor Auxiliar aposentado da FLUP e investigador integrado do GI «Sociabilidades e Práticas Religiosas» do CITCEM. A sua investigação principal centra-se na História da Literatura e da Cultura Portuguesas da época do Renascimento, interessando-se ainda pelas temáticas da literatura de espiritualidade e da história do livro e da leitura. É autor de vários verbetes do *Dicionário de Luís de Camões* (Caminho, 2011) e publicou recentemente uma edição da obra *Contra os juízos dos astrólogos*, de Frei António de Beja (V. N. de Famalicão: Edições Húmus, 2024).

Isabel Morujão

Universidade do Porto, Portugal

Camões ao divino. Aspetos da dinâmica criativa na poesia do século XVII

Está já sobejamente demonstrada a fortuna de Camões no séc. XVII. As várias tipologias e estratégias poéticas que então tomaram a sua obra lírica e épica como hipotexto generativo vão do centão à paráfrase, da homenagem à paródia desconstrutora de códigos e modelos. Na senda da incontornável e ainda não superada proposta de Francisco Sánchez Martínez, na *Historia y Crítica de la Poesía Lírica Culta «a lo divino»*, a deslocação de temas e versos camonianos para uma nidação outra, em sede seiscentista, é o objeto desta comunicação, que

procura entender a relevância do Camões divinizado na poesia de uma monja portuguesa.

NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Morujão é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sua *Alma Mater*, onde se doutorou em 2005 na especialidade de Literatura Portuguesa, com a tese intitulada *Por trás da grade. Poesia Monástica Feminina em Portugal - sécs. XVI-XVIII* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013 [2005]). A sua área preferencial de investigação é a literatura portuguesa dos sécs XVI-XVIII, particularmente a de autoria feminina, nas suas várias tipologias e manifestações e no diálogo que estabelece com poetisas desse tempo, no contexto nacional e ibérico. É autora de mais de uma centena de publicações, entre livros e artigos, nacionais e internacionais. Tem desenvolvido e incentivado trabalhos de edição de manuscritos e reedição de livros dos séculos XVII e XVIII, no âmbito de um interesse mais vasto pela história do livro e da leitura em Portugal na Época Moderna. Coordena atualmente um projeto de investigação de fundos competitivos, financiado pela FCT, intitulado “Musas na Clausura. A Obra Poética de Violante do Céu: Literatura, Música e Espiritualidade no Mosteiro da Rosa de Lisboa”. A nível da Formação Avançada, tem orientado múltiplas teses de mestrado e de doutoramento. A Literatura de Viagens ocupa também a sua atenção, tendo publicado diversos trabalhos sobre as narrativas de viagens aéreas do aviador Sarmiento de Beires, de que reeditou já duas obras e tem em preparação a terceira, para 2027. Nas duas últimas décadas, tem-se dedicado à sensibilização de alunos e professores dos Ensinos Básico e Secundário para a especificidade e largueza de mundo inerente aos textos literários. A tradução do Francês para Português para a cena tem também marcado a sua atividade da última década.

Simão Valente

Universidade do Porto, Portugal

Traduzir Petrarca: Camões como Protocolo Hermenêutico

Divide-se em duas partes: na primeira, será feita uma apresentação do projeto em questão, que visa investigar, através da tradução entendida enquanto ferramenta de leitura crítica, a conceção fundacional do amor no Ocidente tal como foi codificada no *Canzoniere* de Petrarca. Na segunda parte, olharemos para alguns exemplos desta prática, nomeadamente os sonetos RVF 3, 134, 282. Camões tem aqui um papel mediador, sempre que, por força da língua utilizada, seja necessário alterar de modo significativo o texto de partida.

NOTA BIOGRÁFICA

Simão Valente é professor auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 2022. É doutorado em Línguas Medievais e Modernas pela Universidade de Oxford (2016), com uma tese sobre a ficção policial de Fernando Pessoa. É co-editor de quatro volumes da coleção *Literatura-Mundo Comparada – Perspectivas em Português* (Tinta-da-china) e autor de vários artigos e capítulos de livros sobre literatura portuguesa e comparada. Trabalha no Projeto Petrarch in Global Translation desde 2023. Esta comunicação dá conta desse trabalho, onde Camões ocupa papel de relevo

Sessões de tema livre

István Rákóczi

Universidade do Porto, Portugal

Camões e a teopoesia

A presente comunicação visa analisar apenas quatro sonetos atribuídos a Camões no contexto da sua obra e biografia, classificados como “devocionais” por Vítor Aguiar e Silva, e que na sua

opinião não se inserem na produção mais aprimorada do Poeta. Surgem estes pela primeira vez na edição de 1616, como um bloco temático homogêneo que apresenta uma bem notável diferença em relação aos outros – profanos - *topoi* do *corpus* poético. Por que razão Camões resolveu ocupar-se de questões teológicas? Quando o fez, e o que terá levado para isso? Que objetivo o levaria a trilhar caminhos que aparentemente nunca tinha percorrido antes? Bem, essas serão as perguntas que propomos focar e responder na medida do possível.

NOTA BIOGRÁFICA

István Rákóczi é mestre em História e Filologias Espanhola e Portuguesa (1982) pela Universidade ELTE de Budapeste) e doutorado pela mesma universidade com uma tese sobre *Fernão Mendes Pinto e a crítica coeva da expansão portuguesa*, bem como pela Academia das Ciências da Hungria com a tese académica *Fontes e factos, o primeiro e segundo cerco de Diu* (1996). Hoje Professor Emérito, tendo exercido o cargo de Diretor do Departamento de Português da Universidade ELTE de Budapeste durante largos anos. É professor visitante de várias universidades, membro correspondente do CHAM e da Academia da Marinha de Lisboa, e antigo vice-presidente da Associação Internacional de História da Náutica e da Hidrografia. Suas obras e pesquisas são de caráter interdisciplinar e dividem-se entre história e literatura. Como camonista é responsável por uma edição crítica de *Os Lusíadas* e recentemente duma antologia lírica de Luís Vaz de Camões na Hungria. A partir de 2024 é professor catedrático convidado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Manuel F. Ramos

Universidade do Porto, Portugal

A poética das lágrimas: emoção e persuasão em quatro figuras camonianas

Depois de ser abordada a teoria retórica das lágrimas, partir-se-á para os minidiscursos / falas contrapostos de duas “rainhas” e duas divindades: formosíssima Maria (III 102-105) e Inês de Castro (III 125-130); Vénus (II 39- 41) e Baco (VI 27-34), em que, na verdade, o choro, um elemento do *pathos*, acrescenta persuasão ao *logos* do discurso, ou seja, funciona como argumento, comove a piedade dos ouvintes e pode garantir o sucesso oratório.

NOTA BIOGRÁFICA

Manuel Ramos é Professor Auxiliar da FLUP, Departamento de Estudos Portugueses e Românicos – DEPER, e membro do IF (investigador) e do CITCEM (colaborador). Além da docência (*Latim* em vários níveis, *Comunicação Oral e Escrita*, *Literatura Latina* e formação de professores), tem desempenhado diferentes cargos de gestão no seio do DEPER. Colabora regularmente, e de forma profícua, com os seus colegas medievalistas, na FLUP e fora dela; e desse trabalho colaborativo surgiu a maioria das suas publicações sobre edição e tradução de textos medievais, dado o seu interesse em divulgar a Idade Média portuguesa.

Ariana Sanches

Universidade do Porto, Portugal

Tenro e novo ramo florecente: a educação de D. Sebastião n’Os Lusíadas

A presente comunicação procura refletir acerca dos instrumentos retóricos e pedagógicos colocados por Luís de Camões ao serviço da educação do jovem rei D. Sebastião, n’Os *Lusíadas*. Para uma leitura aprofundada da epopeia camoniana, interessou-me a sua aproximação à obra lírica do poeta (à écloga I e à oitava III do poeta), à tradição dos espelhos de príncipe, bem como às galerias de retratos que terão também servido a instrução do monarca Desejado.

NOTA BIOGRÁFICA

Ariana Sanches é Licenciada em Estudos Portuguesa (2021) e Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A sua tese de mestrado, defendida em 2024, intitula-se *Mondar-se o trigo florecente. As representações de D. Sebastião na obra épica e lírica de Camões: entre príncipe e santo*. Frequenta atualmente o Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na mesma instituição.

Carlos Silva

Universidade do Porto, Portugal

A hierarquia da masculinidade no teatro camoniano

Na tríade camoniana, sucedem alguns momentos onde se observa movimentações na hierarquia da masculinidade, causadas pelo poder do amor, seja numa vertente mais física ou mais «neoplatónica». Esta apresentação visa explorar as mencionadas alterações hierárquicas, desvendando as suas causas e as consequências para as subjetividades das personagens dramáticas afetadas por essas mudanças.

NOTA BIOGRÁFICA

Carlos Silva é licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos e mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Focado na Época Moderna, as suas linhas de investigação são os estudos de género, com ênfase especial na masculinidade e na representação de mulheres na literatura, assim como a (re)descoberta de textos empoeirados.

9.º Painel — Camões nas literaturas e culturas africanas de língua portuguesa**Ana Maria Martinho**

Universidade NOVA-FCSH, Portugal

“Quando passados nele os Orientes”: Camões na costa africana

Nesta comunicação procuramos sinalizar e discutir algumas das modalidades e teses sobre a relação de Camões com África. Pelo lado da História, da circulação e dos lugares de paragem, importa-nos a identificação da sua experiência pelo continente e eventuais consequências para a sua obra e respetiva receção. Trata-se de interpelações que se nos afiguram necessárias a um cruzamento de informações com um foco particular em Moçambique e no Índico. Partiremos de trabalhos de reconhecido mérito académico sobre a questão, mas interessam-nos também registos de natureza popular, presentes no imaginário colectivo.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana Maria Martinho é Professora Associada Aposentada da Universidade Nova de Lisboa, Investigadora Integrada do CHAM e Investigadora Associada do CREPAL. Tem vasta experiência de investigação e docência universitária em Portugal e no estrangeiro. É Membro Correspondente da Academia de Letras de Angola e integra a Cátedra de Língua Portuguesa da Universidade Católica de Angola. Faz parte das Comissões Científicas e Editoriais de eventos científicos, Revistas Académicas e Unidades de Investigação. A sua obra centra-se nas Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa. Destacam-se títulos como *Cânones Literários e Educação: os Casos Angolano e Moçambicano*; *The Protean Web: Literature and Ethnography in Lusophone Africa*; *Seminário Permanente em Estudos Africanos*. Refiram-se, entre os ensaios, trabalhos sobre Teoria e Crítica e autores como António Jacinto, Suleiman Cassamo, Ruy Duarte de Carvalho, Orlanda Amarílis, Ana Paula Tavares, os autores da Mensagem da CEI. Dedicar-se ativamente a atividades de cooperação académica, também no âmbito do Português

como Língua não Materna.

Ana Ribeiro

Universidade do Minho, Portugal

“Balada da flor de espuma” ou as andanças de “Descalça vai para a fonte”

“Balada da flor de espuma”, de Henrique Abranches, constitui uma das reapropriações do vilancete camoniano “Descalça vai para a fonte”. O estudo do diálogo entre o poema angolano e a composição de Camões centrar-se-á na representação da figura feminina e do mundo que a rodeia, de forma a assinalar as particularidades da nova versão, indissociáveis da migração do texto camoniano para outro contexto.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana Ribeiro é docente na Universidade do Minho desde 1991, onde integra o Centro de Estudos Humanísticos. É responsável por disciplinas de Literaturas dos países africanos de língua portuguesa a nível da graduação e da pós-graduação. É autora de *A escola do paraíso de José Rodrigues Miguéis: um romance de aprendizagem* (1996), *Ao lume brando da urze. Estudos sobre João de Araújo Correia* (2016) e de vários artigos sobre autores de língua portuguesa publicados em revistas e em volumes de atas.

Francisco Noa

Investigador Independente

O Oceano Índico na encruzilhada entre Camões e a literatura moçambicana

O Oceano Índico é um dos espaços que, a nível mundial, se afirmou, ao longo de milénios, como uma das mais intrigantes e desafiantes concentrações socioeconómicas, culturais, religiosas, comerciais e geopolíticas. É desta forma que o Índico se estabelece como um eixo efectivo e mítico, também imortalizado pela epopeia e lírica camonianas, estabelecendo assim um precedente e um percurso poético que, ao longo dos séculos, irão ressoar na literatura moçambicana.

NOTA BIOGRÁFICA

De nacionalidade moçambicana, doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (2001), pela Universidade Nova de Lisboa, Francisco Noa é pesquisador independente, ensaísta, crítico literário e professor associado. Orientador e examinador de teses de mestrado e doutoramento, e professor convidado de universidades nacionais e no estrangeiro. Autor de vários livros de ensaios, em Moçambique, Portugal e Brasil, tem como obra de referência, *Império, Mito e Miopia. Moçambique como representação literária* (Caminho, 2002), sua tese de doutoramento. Tem desenvolvido pesquisa sobre literatura moçambicana, identidades culturais, memória, Oceano Índico, colonialidade, transcolonialidade e transnacionalidade literária. Prémio BCI de Literatura, 2014. Membro de várias associações internacionais, é sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Tem participado, entre outros, dos júris dos Prémios Camões (2006, 2007, 2024, 2025), Oceanos (2018, 2019, 2021, 2023) e Premio FIL de Literatura en Lenguas Romances (México). Foi reitor da Universidade Lúrio (2015-2020).

Francisco Soares

Universidade do Porto, Portugal

Obras de Luís de Camões em circulação na colónia de Angola no século XIX

São múltiplas as referências que apontam para a circulação de obras de Luís de Camões no século XIX em Angola. Nas fontes locais, as menções a essas obras são geralmente lacunares, imprecisas. O que farei nesta comunicação é uma tentativa de completar essas referências identificando as edições a que se reportam. Aproveito para listá-las, assim como às fontes locais consultadas

NOTA BIOGRÁFICA

Investigador no CITCEM-FLUP-UP, Grupo de Investigação «Literatura e Diálogos Interculturais», projeto «Leituras em Angola no século XIX: referências literárias comentadas nos periódicos em circulação na colónia» (2023.07656.CEECIND). Último livro publicado: *Pedro Félix Machado na literatura angolana do século XIX* (2ª ed., rev. e aum., 2026).